

Meio	www.ver.pt
Título do artigo	Ler relatórios
Secção	Opinião
Link	www.ver.pt/conteudos/ver_mais_Opiniao_Ana_Roque.aspx?docID=322

Um relatório é uma oportunidade única de crescimento, quer internamente para a empresa, para todos os que participam na sua elaboração, quer externamente para todos os que o lêem, nomeadamente os concorrentes, as outras empresas do sector e todas as suas partes interessadas.

Naturalmente, ossos do ofício, leio muitos relatórios de sustentabilidade e leio-os, mais ou menos, com o mesmo método:

Primeiro o índice, depois eventualmente o resto.

Através do índice vejo a forma como o relatório está organizado, os aspectos a que se deu mais destaque, a terminologia utilizada e logo aí começo a formar a minha opinião.

No índice do relatório da Migros[1] - cadeia suíça de hipermercados - na rubrica “Valor Acrescentado para todos” salta-me aos olhos um subtítulo: “Conseguir em tempos de crise”. Isto parece-me interessante. E a Migros conta que foi um ano particularmente complicado, que houve uma grande entrada de lojas *hard discount* no país, que os suíços estão a fazer as suas compras cada vez mais em países vizinhos e que a percepção da empresa é que as questões da sustentabilidade, junto dos consumidores, passaram em 2006 claramente para segundo plano. Isto quando a Migros quase só comunica baseado nessa questão.

Sim, parece-me interessante. Como é que eles resolveram isso? E assim se mergulha na leitura e se descobre aspectos como a intervenção na política de um hipermercado e outros, ligados à sustentabilidade, nos quais eventualmente não se tinha pensado.

Ainda na grande distribuição: Eroski. Para cada capítulo do índice, um caso prático em destaque para ajudar a compreender melhor os diferentes aspectos. Os casos práticos apresentados vão desde a elaboração do código de ética, no governo da empresa, aos *focus group* com os consumidores para desenvolvimento de produtos ligados a valores, às relações com a comunidade - o voto solidário, como funciona, qual a adesão do público ao voto ecológico (inovação de 2006), qual o resultado.

Nas relações com os trabalhadores, o caso prático vai para o recém-criado observatório da igualdade, que está a passar todos os documentos internos da empresa a pente fino, para tentar detectar aspectos em que na linguagem não esteja clara a igualdade de género (que sorte têm os ingleses, com a sua terminologia sem género).

Finalmente, e ainda no índice do relatório da Eroski, chama-me a atenção a validação dos peritos e vou ler. Ao contrário da carta de conformidade da KPMG, onde não aprendo nada de especial, nem era esse o objectivo, na carta dos peritos – membros de organizações não governamentais de diversas áreas e universitários – encontro muitas perguntas, descubro toda uma série de aspectos que para eles não estavam claros no relatório da empresa e como esta lhes respondeu.

Meio	www.ver.pt
Título do artigo	Ler relatórios
Secção	Opinião
Link	www.ver.pt/conteudos/ver_mais_Opiniao_Ana_Roque.aspx?docID=322

Começo a pensar que este tipo de validação é mesmo interessante e que representa de certa forma uma materialização da inclusão das preocupações das partes interessadas na gestão da empresa. Até porque a constituição do grupo que lê e que faz as perguntas pode ser a mais variada em função das características e do contexto da empresa. Pode, por exemplo, ser interessante saber o que é que os pequenos accionistas de uma empresa gostariam de ver incluído num relatório e não está lá, o que os preocupa etc.

Mudando de sector, abro o relatório do Dexia Bank. No índice vêm: “Resposta às questões das ONG”, pág. 43, abro directo. As respostas são a poucas perguntas e ficam aquém das minhas expectativas mas acabo por ler também a carta do presidente “Somos o líder mundial no financiamento de infra-estruturas e equipamentos públicos que respeitam o ambiente[2].” É bom ver alguém gabar-se de ser líder numa coisa assim. Na página a seguir à mensagem do presidente vem a apresentação dos acordos internacionais relativos ao sector, acompanhados de uma descrição do que é cada um deles e é assim que descubro os Princípios para o Investimento Responsável[3], criados em 2006, que não foram ainda assinados por nenhum banco português.

Outra coisa que descubro com o Dexia, já não no relatório, mas no *site* para o qual este remete, são as regras para financiar projectos da indústria de armamento. Num documento só sobre esta matéria, o Dexia declara que não financia nenhum projecto relacionado com minas anti-pessoais, com produção de armamento, ainda que seja para defesa, porque diz não haver critérios objectivos que permitam distinguir se o armamento é para defesa ou para ataque. Finalmente afirma não financiar empresa cujo *core business* seja a produção de armas e a seguir explica o que isso é: *core business* não é o que a empresa diz ser a sua actividade principal, é aquilo com que ela mais factura.

Resumindo: os relatórios que eu mais gosto de ler são aqueles que têm uma postura pedagógica, que explicam, que tentam contribuir para um desenvolvimento do conceito da sustentabilidade.

Poderia citar outros casos, a Lafarge, por exemplo, cujos relatórios leio todos anos. Aprendo sempre imenso...

Podia dar exemplos nacionais como o caso da Sonae Sierra[4], com as suas “lições aprendidas”, uma das primeiras coisas que vou procurar nos seus relatórios e que já contribuíram para a melhoria de relatórios de outras empresas: as lições aprendidas pela Sonae Sierra no relatório de 2005 que referem a deficiente relação dos construtores com a comunidade, foram claramente tidas em conta pela SOPOL na sua consulta às partes interessadas e na reflexão interna sobre o que pode ser a comunicação de uma construtora com a comunidade envolvente a cada obra.

Estamos muito no começo, estamos num período em que todos os contributos são preciosos. Nesse sentido, um relatório é uma oportunidade única de crescimento, quer internamente para a

Meio	www.ver.pt
Título do artigo	Ler relatórios
Secção	Opinião
Link	www.ver.pt/conteudos/ver_mais_Opiniao_Ana_Roque.aspx?docID=322

empresa, para todos os que participam na sua elaboração, quer externamente para todos os que o lêem, nomeadamente os concorrentes, as outras empresas do sector e todas as suas partes interessadas.

Penso que os relatórios têm de ser feitos com generosidade e com coragem, a coragem que é pedida na última versão do GRI, de explicar os compromissos que não se conseguiu atingir, os principais problemas, logo na carta do presidente.

Ana Roque é fundadora da INSPIRE, uma empresa cujo objectivo é promover o desenvolvimento sustentável através da comunicação.

[1] www.migros.ch/FR/A_propos_de_Migros/Durabilite/Publications/Documents/NHB_Migros_2006_f.pdf

[2] Dexia, relatório de sustentabilidade 2006, mensagem do presidente

[3] www.unpri.org

[4] www.sonaesierra.com/Web/pt-PT/corporateresponsibility/reports/default.aspx